

O que as crianças têm a nos ensinar sobre semântica?¹

What children may teach us about Semantics?

Marcos Luiz Cumpri²

Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL)

♦ RESUMO: este artigo pretende mostrar processos de representação e de significação linguísticas por meio da fala da criança. À parte dos postulados clássicos de Semântica, optamos, como esteio teórico, pelo conceito de noção, proveniente da escola de Culioli (1990, 1995, 1999a) e de seus discípulos (JOLLY, 1997; REZENDE, 2009) para mostrarmos, pelas análises de excertos de falas de três crianças, que é a partir das ocorrências fenomenológicas e dos construtos oriundos das experiências físicas, psíquicas e sociais que vão sendo atribuídos valores linguísticos, isto é: noções e as suas organizações em domínios.

♦ PALAVRAS-CHAVE: Criança. Semântica. Noção. Culioli.

♦ ABSTRACT: this paper intends to show processes of linguistic representation and signification through utterances of children. In the place of classical concepts of Semantics we introduce the notion concept supported by Culioli (1990, 1995, 1999a) and his disciples (JOLLY, 1997; REZENDE 2009) to show, for the analysis of three children's texts, that linguistic values of abstract occurrences are established by the organization of phenomenological occurrences and physical, psychic and social experiences in domains.

♦ KEYWORDS: Child. Semantics. Notion. Culioli.

1. Introdução

Desde o início do nosso estágio de pós-doutoramento, seguimos no encaicho do que disse James Sully em “*Studies of Childhood*” (1900), ao chamar a criança de “o pequeno linguista”, para lidarmos com questões que se preocupam com cognição e linguagem, com especial atenção para as representações linguísticas da criança, sob o amparo teórico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE).

Na primeira parte do texto sumarizamos os subsídios teóricos que norteiam nossa reflexão, sobretudo o conceito de noção e de domínio nocional, que, a nosso ver, são os principais vieses de investigação dos mecanismos semânticos da fala infantil. Na segunda parte, damos visibilidade, na prática, à organização de três noções verbais (ligar, juntar e sair) a partir da análise de excertos de histórias recontadas por crianças em processo de alfabetização. O texto ainda conta com um fechamento e referências.

2. A noção e a organização de um domínio nocional

Nossa assunção é a mesma de Culioli (2002): a Linguística é a ciência que constrói um sistema de conceitos abstratos a fim de explicar propriedades oriundas da atividade da linguagem por meio da variação das línguas naturais.

¹ Apoio CAPES.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Bolsista PNPd/CAPES no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: marcoscumpri@yahoo.com.br

Dessa tomada de posição, extrai-se que a linguagem é uma atividade reguladora que transcende à da comunicação. Assim, estaríamos diante de um recurso extremamente sofisticado dos mecanismos biológicos pelo qual o homem se equilibra, se diferencia dos demais seres e organiza as representações das coisas com as quais lida desde a infância. Essa última esboça uma primeira definição de noção que exploraremos mais a diante.

Tomar a linguagem como atividade nos faz romper com a polarização entre subjetividade e objetividade, o que não deixa de ser revelador para as ciências humanas porque dá visibilidade ao movimento entre identidade (representação ou nível psicológico), alteridade (referenciação ou nível sociológico) e diálogo (equilíbrio ou nível sociopsicológico). Embora o mundo “referenciável” seja o mesmo para todas as línguas, a transposição do empírico ao formal não se dá de igual modo em cada uma delas porque os sujeitos, por essência, são indeterminados e, por isso, marcam suas experiências no dado linguístico de modo imprevisível, o que gera sentidos imprevisíveis, cujos pontos estáveis só recuperamos quando trazemos à tona as operações que levaram a esses sentidos. Segue um endosso que retiramos de Rezende.

Nesse movimento de passagem da expressão linguística de um sujeito ao outro (intrassujeito, intersujeitos, intralingua e interlínguas), não é o valor polarizado que conta mas o mecanismo de montagem e desmontagem por meio do qual podemos mostrar o modo como a experiência dos sujeitos com as noções envolvidas (empírico) pode influenciar na variação do valor final atribuído. O que devemos destacar é a forma da construção do valor, o seu caminho e não o valor em si. (REZENDE, 2009, p. 21)

Para nós, o conceito de noção nasce da plasticidade que o signo, enquanto unidade psíquica, deixa de herança. A definição de Culioli (1995, p. 34) de que as noções são complexos sistemas representacionais das propriedades físico-culturais resultantes das manipulações feitas nos interiores das culturas, encapsula-se nos mesmos contornos do conceito saussuriano de signo, só que de modo mais extensivo por transpor a barreira do que Saussure (1999, p. 80) chamou da junção de um conceito e uma imagem acústica. Na verdade, a assunção culioliana é de que a imagem é mais do que fisiológica. Ela também é afetiva, psicológica e antropológica e tanto rompe com a oposição infrutífera entre língua e fala por nos remeter a um espaço em que língua e fala estão num contínuo, quanto traz uma discussão genuinamente interdisciplinar por estabelecer uma ponte entre o psicológico (o nível representacional, subjetivo) e o sociológico (o nível referencial, objetivo).

Rezende (2009, p. 20) elabora uma reflexão que confirma o supradito:

A noção é incorpórea e é materializada no esforço que faz um sujeito para dar forma a uma representação mental por meio de arranjos léxico-gramaticais, seja na modalidade oral, seja na escrita de língua. Diferentemente do signo, que é estático, consensual, social, ela resulta de um esforço de medida que o sujeito faz entre o que está construído ou que ele supõe construído e estável e a sua subjetividade.

Já reconheceu Guillaume (1957 apud JOLY 1997, p.29) que a linguagem humana nada é se não partir do momento onde a vivência experimental é transformada em representação, de forma que a língua seria um sistema de representações visto sob a ótica do sujeito falante e necessariamente condicionada pelo discurso. Assim, a linguagem abarcaria uma tríade cujo ponto de partida seria a experiência, o ponto intermediário a representação (a língua) e o ponto final, a expressão (o discurso).

A nosso ver, quando Guillaume (idem) falava de uma conversão de representações de experiência em representações de língua ele dizia que o que é representado na experiência também é condicionado por aquilo que é representado na língua e essa, por sua vez, é condicionada pelo o que é representado no discurso. Assim, o mecanismo seria cíclico: a realização cognitiva que cada sujeito faz de um fenômeno precisa daquilo que ele já tem organizado em si em termos de experiência de mundo e de língua, ainda que provisoriamente, para organizar o que poderíamos chamar de uma nova noção, que quando organizada, não será nem nova, nem velha, mas apenas mais uma em relação a todas que sua vivência permite determinar.

Tudo isso para dizer que há uma interdependência entre as representações de língua e as representações de experiência. Daí a necessidade de remetermos a noção a discussões de ordem metalinguística construídas teoricamente a partir de três pontos de vista: um epistemológico, um metodológico e um empírico.

O ponto de vista epistemológico repousa sobre a articulação entre a linguagem (a atividade inata constitutiva do homem) e as línguas naturais (sistemas dinâmicos e abertos movimentados por agenciamentos intersubjetivos de modulações). O ponto de vista metodológico resume-se no objetivo de se construir um modelo metalinguístico que mostre como as noções são representadas no nível linguístico, isto é: como se vai da experiência à representação em língua. O ponto de vista empírico refere-se ao esforço de construir atividades de abstração, de generalização e de particularização a fim de que se revelem as variações da língua, sem as quais não seria possível o trato da invariância da linguagem.

Joly (1997, p.32) a partir da dicotomia universo/homem aponta três domínios:

- O domínio filogenético que é do o fazer da linguagem nos tempos tal qual ela se manifesta nas línguas naturais.
- O domínio ontogenético que é o do desenvolvimento da linguagem nos sujeitos.
- O domínio praxeogenético que é o do uso momentâneo da linguagem pelos sujeitos.

Dos três, é o praxeogenético que dá maior visibilidade à passagem do nível nocional ao linguístico, pois o que se diz só é dizível porque há uma percepção mental anterior associada ao universo de experiências que garante que o saber dizer (a língua) seja sistematicamente efetivo, pois como ressalta Joly (1997, p. 33): “toda vez que alguma coisa é dita, esse dito parte da linguagem e se transforma num novo objeto de experiência – de experiência mental – um objeto que poderá, por sua vez, dar lugar a um novo dizer.”³

A relação entre homem e universo remete, entre outras coisas, às relações entre parte e todo, finito e infinito e levanta uma discussão filosófica clássica: o conhecimento do universo pelo homem. A busca desse conhecimento, por sua vez, gera dois movimentos distintos. Um movimento de interiorização que vai do universo ao homem e que concerne à percepção e à submissão que este tem em relação ao universo; e outro de exteriorização, que é o que vai do homem em direção ao universo e que é uma projeção das representações que o homem cria acerca do universo por intermédio da linguagem, representações essas que são as próprias línguas naturais.

Se não negamos nossa busca em compreender e conhecer o universo do qual fazemos parte, também assumimos que a língua é o tesouro (e aqui não falamos apenas de léxico) inegável oriundo dessa trajetória. O mundo fenomenológico é o referente

³ Tradução nossa do francês.

linguístico inquestionável e é o fomentador dos movimentos intralinguísticos, inclusive daqueles que aproximam léxico e gramática e que dão origem aos signos, ou à própria representação (já materializada) das noções.

A afirmação de Benveniste (2005) de que a língua está no homem e o homem está na língua, quando analisada pela lente de uma semântica que visa às operações que engendram a representação linguística, a TOPE no caso, cede lugar ao conflito essencial entre homem e mundo porque prioriza as relações cognitivas, que são constantemente reordenadas por dependerem ora de movimento de interiorização, ora de exteriorização do homem.

Que o homem percebe o mundo por meio de estímulos sensoriais, biólogos, psicólogos e neurolinguistas têm consenso. Também sabem que é o acúmulo de percepções que o permite elaborar e fixar as imagens mentais ou conceitos prototípicos que representam o universo e que, além disso, o ajuda a constituir o seu pensamento pré-discursivo.

Entre o perceber e o dizer há um caminho tão importante quanto os próprios significados estabilizados no que já está linguisticamente representado e é durante esse rito de passagem que melhor conseguimos acessar a linguagem e mostrar como as noções são construídas e transpostas ao nível linguístico. Essa percepção só nos é dada efetivamente desde que criemos um sistema metalinguístico formal.

A passagem de uma representação metal a uma atividade de referência é possível graças a um polo que possibilite a construção de uma classe de ocorrências. Nessa visão, todo domínio (nocional) possui um centro que o organiza e permite a regulação subjetiva. Embora as noções se coloquem numa zona de transição entre o intra e o extralinguístico, é nas ocorrências de língua que fica possível recuperar (por meio da atividade metalinguística, sobretudo) o que é do campo do pensamento. Trata-se de predicar sobre o predicado para se chegar ao que é anterior a ele, ao que é anterior ao léxico e mostrar que as representações linguísticas não são fixas, não são lineares e não são separáveis da atividade da linguagem em si.

Nesse contexto, o conceito de noção é visto como um conteúdo do pensamento e como um conjunto de representações oriundas do modo pelo qual se concebe o universo pensável, um universo que transborda em significações não cabíveis em acepções imóveis. Diante disso, colocar a questão da noção como aporte do estudo do significado é reafirmar o que a linguística já não consegue negar desde há muito: a indissociabilidade entre intra e extralinguístico. Daí a assunção de que o referente aponta sempre para o infinito, pois seja ele um referente experiencial, seja um referente mental, seja um referente tipificado (social e culturalmente), sempre haverá a barreira da alteridade que só é transponível por meio de um trabalho sensível (e por vezes abstrato) com as ocorrências de língua. É nesse trabalho que a noção emerge, conforme veremos na seção seguinte.

3. Uma análise

A partir da transcrição⁴ de um corpus emprestado do grupo de pesquisa em Aquisição da Linguagem da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara e coletado por meio de gravação audiovisual, recortamos trechos de narrativas de três crianças que recontam à sua professora uma estória que lhes foi lida por outra pessoa, no caso, um dos pesquisadores desse grupo.

⁴ Embora não tenham sido abordados em nossa análise, os recursos gráficos de transcrição foram mantidos.

Cada excerto das crianças (1a, 2a, 3a) é precedido por aquele que consta no texto original (1, 2, 3).

(1) A::: mamãe macaca levantava... acendia a luz... punha a macaquinha lá:: no banheiro para fazer xixi... **abria** a torneirinha e dizia “faz xixi macaquinha faz... solta a ÁGUA igual a torneirinha vai” ((a locutora imita o som de alguém fazendo xixi)) IH::: fazia xixi nada... (trecho do episódio 1, no qual a pesquisadora conta a estória)

(1a) ”... aí a mãe acendeu a luz... levou e botou ... **ligou** a torneira... e aí ela... ela... não saiu nada ..e aí... depois a mãe dela colocou ela para dormir... e colocou o cobertor nela...”

(2) A:I mamãe macaca... sabe o que que é?... eu estou com uma sauDAes da senhora... quero matar a saudade”... a mamãe macaca... entendeu... que a macaquinha tinha saudade dela ... a partir daquele dia... todos os dias a mamãe chegava em casa... **jogava** TODos os brinquedos no chão... junto com a macaquinha... ia lá para sala... brinca::va... (trecho do episódio 1, no qual a pesquisadora conta a estória)

(2a) “depois ela... ela... ela... falou assim que/ que ela gostava de... de.... gostava da mãe dela... e depois ela disse assim... que ela... ia **juntar** os brinquedos para brincar...”

(3) aí ela queria **fazer** cocô... a mamãe dela botou ela para fazer cocô... aí depois né? não saiu nada né? () colocou ela para dormir... cobriu ela e deixou só os olhinhos de fora e aí saiu ... e aí depois ela pulou de novo na cama da mãe dela e aí ela falou... (trecho do episódio 1, no qual a pesquisadora conta a estória)

(3a) “aí ...tava **saindo** cocô (mesmo ... cherou) e a mamãe estava () e tava fedem:::do.” (episódio 4, no qual o aluno 3 conta a história para sua professora)

Das escolhas que fizemos, uma delas foi a de trabalharmos exclusivamente com as noções dos verbos ligar, juntar e sair.

Cada situação enunciativa, apesar de ser instável, resulta num diálogo que, por excelência, é um (re) definidor do domínio nocional, mesmo que provisoriamente dado pelos interlocutores. Os movimentos entre o instável (diálogo) e o estável (nível predicativo) movimentam, também, as noções semânticas dos termos.

Baseados na metodologia de Culioli (1999a), propomos um esquema básico de dois argumentos (a de um lado e b de outro) colocados em relação por intermédio de um relator (r), no caso, o verbo:

(a)	(r)	(b)
(argumento)	noção verbal	(argumento)

Assim, a partir da relação <a, r, b> obtêm-se resultados possíveis, ou, em outros termos, associações semânticas:

- (1) macaca mãe (a) – ligar (r) – torneira (b)
- (2) macaca filha (a) – juntar (r) – brinquedo (b)

(3) macaca filha (a) – sair (r) – cocô (b)

Numa primeira instância, o que nos chama a atenção são os arranjos lexicais que as crianças fazem ao se utilizarem dos verbos ligar, jogar e sair para relatarem suas versões da estória que lhes foi contada. Uma análise simplista apontaria que as crianças fazem as seguintes substituições:

- (1) o verbo ligar em detrimento de abrir.
- (2) o verbo juntar em detrimento de jogar.
- (3) o verbo sair em detrimento de fazer.

Mais simplista que essa análise seria dizer que as atribuições dadas aos verbos em questão foram feitas de forma aleatória, pois o que seriam “abrir a torneira”, “jogar os brinquedos” e “fazer cocô” além de cristalizações decorrentes das experiências linguísticas da comunidade brasileira falante da língua portuguesa?

As identificações possíveis entre os relatores (r) e os argumentos pospostos a eles (b): “ligar torneira”, “juntar brinquedo”, “sair cocô” demonstram que os verbos em questão são passíveis de associações parciais (identificações dissimétricas), o que torna a predicação possível pelo fato desses verbos possuírem propriedades que lhes permitem combinatórias diferentes em diferentes contextos.

Tomando, por exemplo, o verbo ligar, é notório que a criança é o tempo todo envolvida em situações conversacionais em que ele é empregado no sentido de “colocar em funcionamento o que depende de energia”. Seriam alguns exemplos: ligar a tv, ligar o carro e por analogia, ligar a torneira.

Levando rapidamente a questão para semântica lexical, inserimos que os verbos ligar e acender são, comumente, utilizados em campos semânticos confluentes, daí o caráter homonímico que lhes pode ser atribuído. O caso do verbo sair em referência ao ato de “fazer cocô” é uma analogia muito comum para todo aquele que está em processo de aquisição de língua. O que é de se notar é que o valor semântico não é alterado em nenhum momento quanto à substituição de fazer (que enfatiza o agente) por sair (que enfatiza a ação).

Das amostras selecionadas, a que traz a variação semântica mais intrigante é a do uso do juntar (2a) em função do jogar (2), pois são duas noções que se organizam em tempos diferentes numa dada situação enunciativa, o que redimensiona a interação que se estabelece entre sujeito (macaquinha, no caso) e objeto (brinquedos, no caso). Assim, enquanto no texto matriz a noção de <jogar> se aproxima da de <dispor>, na recontagem ela vai perto da noção de <pegar>, algo que num primeiro momento poderia nos remeter a uma antonímia, que é prontamente falseada pelos arranjos que dão suporte à organização do domínio de <juntar>.

Além do que, para uma discussão do que está como pano de fundo numa investigação sobre os significados, a fala da criança em muito contribui porque desde cedo possui:

- A noção de tempo: concatenação lógica dos fatos que fica bem demonstrada pelo uso de marcadores temporais como /depois/, /daí/, /aí/, /lá/.
- A noção da função da dêixis e dos possessivos na língua por meio do uso do dêitico /ela/ e do possessivo /dela/.
- A capacidade de inserir, harmonicamente, outros textos em seu texto: “e aí ela falou...”

- Capacidade de alternar presente e passado dos verbos para ora narrar suas percepções (sempre no passado), ora para cantar a música (sempre no presente).

Esse simples exercício aponta que as noções não são as palavras em si, mas o que elas representam. Tanto que os verbos substitutos ainda preservam as mesmas intenções comunicativas dos verbos matrizes. Para os estudos da linguagem, sobretudo os de Semântica, é um processo de extrema importância porque põe em relevo a capacidade de construir representações e a organização das percepções feitas a partir da relação homem-homem e homem-mundo.

Talvez o que mais deva nos sensibilizar é essa capacidade que os infantes têm de se remeterem, mesmo que primariamente, àquilo que vêm assimilando ao longo de sua interação com o outro sem se prenderem às cristalizações de sua língua materna. A nosso ver, é exatamente essa reprojecção que nos permite observar como as representações nocionais são organizadas e como se movimentam numa determinada cultura, além de demonstrar que as construções das noções (bem como suas organizações) passam necessariamente tanto por uma regulação interna, quanto pela interação com universo fenomenológico.

Considerações finais

O adultocentrismo e o etnocentrismo nos condicionam e nos distanciam de uma visão de mundo não filtrada que só as crianças são capazes de ter quando estão aprendendo uma língua. No âmbito da linguagem, esse desprendimento de língua é de extrema relevância, pois o distanciamento que elas têm em relação à categorização mostra que é por meio da nossa relação com o mundo e do processo da construção categorial que as línguas são marcadas pelas propriedades físico-culturais resultantes de nossa interação e de nossas experiências.

Falar de semântica é falar de algo semelhante a um domínio responsável pelas representações e pela capacidade de julgamento, avaliação, atribuição de valores ou significados. Afinal, o falso conforto das gramáticas modeladas pela análise sistêmica de línguas (quase sempre românicas) razoavelmente regulares nos distancia desse processo porque traz à tona o produto, assim estável porque nos processos de formalização das categorias de língua apararam-se a variação, o ruído, a operação em si.

A fala da criança nos faz enxergar esse processo e nos ensina a fazer uma avaliação epistemológica porque coincide com a metalíngua necessária para a análise linguística. Ela traz de volta o esforço. Já a energia fica por conta da linguagem, que é ingênita e nos remete à representação e é de representação que falamos em semântica.

A criança é prioritariamente narrativa. Sua imaturidade necessária a faz alternar entre a fala do outro e a sua, constantemente. Desse modo ela organiza as noções ao identificá-las com um “tipo” (de modo que não é exatamente x, mas tem qualquer coisa de x. Afinal, o que é x? Até que momento é x? Isso sim é importante para a Linguística!).

A conversa termina com a assunção de que a linguagem é dotada de uma capacidade reguladora pela qual o homem se equilibra, se diferencia dos demais seres e organiza as representações das coisas que vê, que sente, que quer contar. Essa última esboça uma definição empírica do conceito de noção, que foi central nesse texto e no que Culioli deixou como legado para a Linguística, sobretudo para a Semântica porque aponta para o movimento. Esse movimento é muito claro na fala da criança e nos ensina a Semântica que raramente conseguimos nos ensinar sozinhos.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5ª Ed. Campinas: Pontes, 2005.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation - Opérations et représentations**. Paris: Ophrys, Tome 1, 1990.
- _____. **Cognition and representation in linguistic theory**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.
- _____. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, Tome 2, 1999a.
- _____. **Variations sur la linguistique**. Paris: Klincksieck, 2002.
- JOLY, Andre. La longue marche de "La notion" du percevoir au dire. In: Rivière, Claude; Groussier, Marie-Line. **La notion**. Paris: Ophrys, 1997, p. 27-50.
- REZENDE, Letícia Marcondes. Articulação da linguagem com as línguas naturais: o conceito de noção. In.: ONOFRE, Marília Blundi & REZENDE, Letícia Marcondes (Orgs.). **Linguagem e Línguas Naturais – Clivagem entre o enunciado e a enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009, p. 13-42.
- SULLY, James. **Studies of childhood**. New York: D. Appleton and company, 1900.

Recebido em: fevereiro de 2019.

Aprovado em: maio de 2019.

Como citar este trabalho:

CUMPRI, M. L. O que as crianças têm a nos ensinar sobre Semântica? **Traços de Linguagem**, V.3, n.1, p.57-64, 2019.
